

Marcel Mauss revisitado: o homem e seu tempo

Airton José CAVENAGHI¹

Resumo: Esse artigo discute Marcel Mauss como sujeito histórico. Essa discussão baseia-se em perceber suas ideias nas ideias de outros pensadores do período, usando como documentação inicial a biografia de Mauss escrita por Marcel Fournier e o documentário, *Mauss por suas alunas*, de Carmen Rial e Mirian Grossi. Essa discussão, proposta nesse texto, busca analisar o contexto de produção de seu “Ensaio sobre a Dádiva” e como suas ideias se articulam na formação e interpretação das sociedades humanas. Utiliza-se o método historiográfico para a interpretação dos diversos tempos e produções históricas analisadas, além da inter-relação entre teoria e prática aplicada na compreensão do cotidiano histórico. Para tanto, busca resgatar e perceber as “dimensões” da hospitalidade, na sua concepção inicial, e no mundo atual, além da ideia de “permanência”, discutida e propagada pela historiografia contemporânea.

Palavras-chave: Hospitalidade. Dimensões. Historiografia. Marcel Mauss. Mundo Contemporâneo.

Introdução

Este artigo se propõe a resgatar o momento histórico do aparecimento do “Ensaio sobre a Dádiva”, apresentado pela primeira vez em uma publicação em língua francesa no ano de 1924, e como sua proposta teórica pode ser interpretada nas ações e práticas do mundo contemporâneo. Nesse resgate procura-se compreender como uma visão teórica proposta pela luz da Antropologia, conseguiu sobreviver em tempos de esquecimento dos vínculos naturais entre os homens e o crescimento das interferências do estado e do mercado, nas relações sociais construídas desde então. Nesse resgate, com auxílio do método historiográfico, procura-se compreender Mauss como o homem histórico que se associa diretamente aos acontecimentos vividos em seu cotidiano naquele momento. Assim, a questão central que se formula refere-se à indagação: Quem é Marcel Mauss como homem histórico? Trata-se, assim, de uma análise na qual procura-se expor a interpretação da metodologia histórica, associada as dimensões propostas para a compreensão da hospitalidade, para o entendimento do homem e do tempo de Marcel Mauss. Essa interpretação, também procura expor, indagações relacionadas a interpretação da Hospitalidade no mundo contemporâneo, com a exposição e comentários de possíveis dimensões interpretativas, relativas a hospitalidade, no atual estágio de globalização do mundo.

Entende-se, nesse aspecto hospitalidade como: Virtude originária, a hospitalidade é, pois, das mais antigas, possuindo uma anterioridade tanto cronológica quanto lógica e antropológica; ela está igualmente presente por toda parte a ponto de passar por um instinto natural e de se tornar às vezes caráter nacional de um povo. (Montandon, 2011, p.882), ou seja, como elemento fundamental para a existência da cultura. Observa-se essa hospitalidade, também, na identificação do “eu” no “outro”. Dimensões, são entendidas no

¹ Doutor em História Social FFLCH_USP. Professor Titular do Mestrado e Doutorado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, UAM_SP. E-mail: acavenaghi@gmail.com

contexto desse artigo, como tudo que se desdobra a partir dessa relação de percepção do “eu” no “outro”, ou seja, a própria noção inicial de cultura. Neste aspecto Lanna (2000, p. 173), já pensou em sua interpretação para o “Ensaio sobre a Dádiva” de Mauss, na procura da “[...] *dimensão política da troca de dádivas*”.

Mas a consideração teórica, proposta por Mauss, na visão de Claude Levi-Strauss, percebe a “dimensão” como a representação do espaço, que será o elemento passível de interpretação. Desta forma:

O fato social total apresenta-se, portanto, com um caráter tridimensional. Ele deve fazer coincidir a **dimensão** propriamente sociológica, com seus múltiplos aspectos sincrônicos; a **dimensão** histórica ou diacrônica; e, enfim, a **dimensão** fisio-psicológica. (Lévi-Strauss. In: Mauss, 2004, p.24, grifo nosso).

Nesse momento dessa pesquisa² e de análises, para a construção desse artigo, tem-se como amparo, em uma das vertentes interpretativas, a sua única biografia escrita (Fornier, 1995; 2005), utilizando-se aqui, sua versão para a língua inglesa (2005). Uma outra vertente interpretativa, ampara-se na produção fílmica, “Mauss segundo suas alunas”, realizado pelo Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem PPGAS/ UFSC, por Carmen Rial e Mirian Grossi. O Documentário resgata as memórias de três ex-alunas de Mauss, Denise Paulmer; Germaine Dieterlen, Germaine Tillion, e tornou-se fundamental para compreender Mauss pelo seu lado cotidiano, ou seja, o homem comum, em suas virtudes e defeitos. Nesse caso, nota-se que uma produção audiovisual e biográfica, traduz o pensamento cultural de seus autores, e por mais isentos que sejam, sempre irão reproduzir a “bagagem cultural” de suas vidas pessoais. Nesse aspecto observa-se que a interpretação analítica aqui proposta, ou seja, a historiográfica, procura-se utilizar do documento em sua constituição como memória e como fator de documental, não buscando sua interpretação imagética, não procurando seu conteúdo explícito, pois estes aspectos ultrapassam a esfera analítica aqui proposta. Neste aspecto, busca-se, também, essa mesma interpretação, com o uso da biografia escrita por Marcel Fournier.

Essa análise será conduzida na exposição teórica proposta pela historiográfica de Le Goff; Nora (1976), Braudel (1978) além de ampara-se, também, da bibliografia de referência do período proposto para análise, entre elas, Lévi-Strauss (2004), Stockingjr (2004); Montandon (2011); Castro (2005) e Martins (2005).

Fazer história

O documento histórico é em si um instrumento de análise, e sua interpretação não pode ser resumido ao seu simples conteúdo. Nos momentos clássicos do desenvolvimento da interpretação histórica, ainda na época de Fustel de Coulanges e sua “Cidade Antiga”, no

² As análises aqui apresentadas, fazem parte das discussões desencadeadas durante as aulas ministradas na disciplina Metodologia da pesquisa em Hospitalidade e do Grupo de Pesquisa, Hospitalidade: serviços e organizações, realizadas no âmbito do Mestrado e Doutorado da Universidade Anhembi Morumbi_UAM-SP, durante o ano de 2014.

início do século XIX, fazer história era analisar o conteúdo escrito e buscar a suposta verdade contida nele. Heróis, seus feitos e a cronologia, associado a eles, eram o sustentáculo orientador das interpretações historiográficas. De fato, o momento em que a História nasce como ciência, encontramos essa realidade interpretativa. Nesse momento, durante o século XIX, julgava-se o documento pelo seu conteúdo explícito. A cientificidade proposta pelos aspectos da chamada Revolução Tecnológica europeia, não permitia observar aspectos vinculantes, ou seja, tudo possuía verdade em sua interpretação, após seu isolamento de seu contexto de produção. Foi o grupo de historiadores franceses, Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel, com a chamada escola dos *Annales*, nas décadas iniciais do século XX, que propuseram abandonar o eurocentrismo, a interpretação fechada e desfocada do homem, amparada apenas em seu lado heroico, além de ver o “documento” para além de seu significado óbvio. Nessa linha, Jacques Le Goff e Pierre Nora, continuaram a perceber essa mesma História como: Novos problemas; novas abordagens e novos objetos (Le Goff; Nora, 1976).

Nesse ambiente cultural mundial no qual florescia a escola dos *Annales*, a Antropologia também buscava seus novos caminhos interpretativos. Antes pensada como ciência para legitimar a dominação das potências industriais, pré e pós a Primeira Grande Guerra (Castro, 2005), a abertura de mercados e a expansão cultural dos povos dominantes. Essa mesma dominação também se manifestou na interpretação de intensos fluxos migratórios para zonas urbanas industriais. Buscando também justificar a existência de grandes bolsões de pobreza em zonas urbanas, ou seja, aquilo que Emile Durkheim, em relação à França, e tio de Mauss, chamou de “vazio moral da III República Francesa”. (Rodrigues, 1978, p.08). Nesse ambiente, as notícias advindas de povos, até então praticamente isolados, passaram a constituir novidades exóticas e atraentes a uma nova burguesia em ascensão.

Os trabalhos de Sir James George Frazer, resumidos em “O Ramo de Ouro”, lançado inicialmente em 1890, alcançavam na década de 1920 um sucesso praticamente impensável para uma publicação de caráter científico. Frazer coletava relatos etnográficos e os transformava em uma leitura palatável ao conhecimento dessa burguesia em ascensão. A comparação de cultura e etapa marcadas da suposta evolução cultural de todos os grupos humanos, na época chamado de Evolucionismo ou Darwinismo Social, mostrava e, supostamente confirmava, a tendência tecnicista das sociedades industrializadas. Mauss também coletou essas narrativas etnográficas, e foi, como Frazer, um etnógrafo de gabinete, mas sua produção, enfatizando-se aqui o “Ensaio sobre a Dádiva” (1923-1924), não buscava respostas positivistas e verdades culturais absolutas, e sim posicionamentos interpretativos.

Esse perfil, na forma diferente de expressão de Frazer, construiu uma possibilidade interpretativa da sociedade que vem sendo utilizada para compreender padrões e laços sociais invisível, ainda presentes na contemporaneidade, ou na visão de Godbout (1999): o terceiro paradigma, em oposição ao mercado e ao Estado, ou ainda, quando a “[...] qualidade dos vínculos entre seus membros [de uma organização] está ausente, nada funciona” (Godbout, 1999, p. 99).

Mauss produz seu “Ensaio”, nesse intervalo de duas Grandes Guerras e situações culturais e sociais anteriormente impensáveis, ao gênero humano, até aquele momento. Matança em massa, por exemplo, deixam de ser incomum e tornam-se constantes. O ambiente das grandes cidades se legitimam como espaços da nova sociabilidade que se manifestava. É nesse contexto de estudos socioculturais que os pensadores, por exemplo, da chamada Escola de Chicago, fazem de laboratório. Os grupos urbanos, principalmente os excluídos, passam a ter voz e aparecem em relatos de pesquisa e análise desenvolvidos por esse grupo, em Chicago. Nota-se, aqui, a fragmentação percebida, do tecido social, ou seja, uma nova sociedade que organiza e transforma sua razão inicial de existência. E da escola de Chicago que nasce a expressão “definição de situação”, ou seja, o real definido passa a ter consequências reais. Torna-se, assim, uma memória coletiva (Becker, 1996).

Nessa fragmentação e reorganização da sociedade contemporânea, observa-se que Hospitalidade pode assim ser vista como um fenômeno de morfologia social (Gotman, 2011, p. 80). Na tese principal de “Ensaio sobre a Dádiva”, Mauss argumenta que a constituição da vida social se organiza por um constante dar-receber-retribuir, observando-se, assim, que estas são obrigações organizadas de modo particular em cada caso, ou seja, as trocas são concebidas e praticadas nos diferentes tempos e lugares, de forma variadas, da retribuição pessoal à distribuição de tributos.

[...] a hospitalidade é uma hospitalidade entre pares, e não uma hospitalidade-ajuda de solidariedade para com inferiores. Pois o que está em jogo nessas trocas desinteressadas e obrigatórias de coisas que não são nunca totalmente destacadas dos que trocam é, nem mais nem menos, a coesão social, o que mantém a sociedade junta. (Gotman, 2011, pp. 77-78).

O que se observa, em termos da contemporaneidade, é a ruptura de uma tradicional coesão social. O tempo de vivência de Mauss, passa a ser o tempo dos homens que governam e se capitalizam, e do Estado que restringe e organiza esse modelo de governabilidade.

No Brasil, por exemplo, relacionando-o a esse momento histórico mundial, caracteriza-se como o desenvolvimento de expedições patrocinadas pelo Governo Federal para o reconhecimento do território brasileiro. No norte do país a Expedição Rondon, nos anos de 1910, recolhia informações dos agrupamentos indígenas e suas características formativas. Roquete Pinto foi um dos responsáveis pela coleta de mais de 3000 objetos indígenas encaminhados ao Museu Nacional por volta de 1912. Nesse material havia, ainda, a primeira sequência de gravações de canções e rituais indígenas, captados pelo uso de um fonógrafo desenvolvido por Thomas Edison, no então próximo final do século XIX, cujo aparelho conseguia guardar, em pequenos rolos de cera, os sons produzidos. A questão que se coloca aqui remete novamente a pensar o conteúdo da cultura como passível de mensuração, com a criação de valores comerciáveis. Nota-se, também, que esse processo gera uma relação de poder pelo fato de aquilo que é “capturado” de alguém passa, indiretamente, a pertencer a outro, ou seja, novamente o reconhecimento do “eu” no “outro”.

Essa maneira de coleta da cultura material e imaterial dos novos grupos servia de base para a produção de um manancial teórico analisado pelos antropólogos. Essa ação criou a expressão *armchair anthropology* (Castro, 2004), ou seja, uma “antropologia de gabinete”.

Mauss, assim como Morgan, Tylor e Frazer, foi um etnólogo de gabinete, mas a sua erudição; conhecia uma dezena de línguas já desaparecidas, por exemplo; fez dele um pesquisador diferenciado da maioria de seus antecessores. Sua forma de análise rompeu com a proposta do “evolucionismo cultural”, criando uma etnografia que procurava compreender e não só buscar respostas padronizadas e de fácil assimilação. A documentação da qual Mauss, se utilizava, possuía a característica de ter sido recolhida por nomes que também começavam a se destacar na formatação de uma nova perspectiva de análise documental e antropológica. Franz Boas foi um desses novos antropólogos que passam a ver dimensões não tangíveis nas relações sociais, nos grupos estudados. (Stockingjr, 2004).

Havia, nesse aspecto, um certo simbolismo, não mensurável e não quantitativo, ou seja, uma oposição direta ao tecnicismo proposto até então, na interpretação das culturas. Um tecnicismo que refletia a linguagem das máquinas, organizando e controlando os homens em ambiente urbanos cada mais racionalizados e consumíveis.

Mauss passa a compreender que “o simbolismo é fundamental para a vida social” (Martins, 2005, p. 46). As coisas passam a só ter valores e significados, na presença de um simbolismo associado às mesmas. Traduzem valores e necessidades cotidianas em memórias coletivas de pertencimento, justificando aquilo que chamou de “fato social total”.

Marcel Mauss: noções contemporâneas

O meio ambiente e suas manifestações sazonais, influenciam o comportamento dos grupos humanos e a forma desses perceberem-se em seu todo. Mauss neste aspecto se manifesta, em relações aos grupos esquimós que estudou: “É que as estações do ano não são a causa imediatamente determinante dos fenômenos que elas condicionam; sua ação ocorre sobre a densidade social que regulam” (Mauss, 2004, p. 502). De fato, no mundo contemporâneo as reações e manifestações dos grupos sociais sedimentam-se em expressões e desejos de um coletivo que podem possuir ritmos condicionados, semelhantes aqueles movimentos que as estações do ano sugeriam, as chamadas “comunidades arcaicas”. Essa noção do espaço e do território como ferramentas de condução da realidade social e cultural, no mesmo período, também era discutido por Fernand Braudel (1978). O mundo mediterrâneo discutido e interpretado pelo historiador, no caso Braudel, pode ser observado na fala do antropólogo, Mauss. Como pensar o tempo, em sua função social, sem entender os mecanismos formadores, condicionados ao espaço geográfico? Seria esse mecanismo um fator de expressão da realidade coletiva dos grupos humanos?

O espaço, o tempo e a cultura, tornam-se elementos que se interlaçam e produzem uma ampla teia de significados, na construção da realidade cultural cotidiana, dos grupos sociais analisados. Mauss e seus contemporâneos observam essa mudança interpretativa para a realidade cotidiana e, argumentam que, não há construções teóricas isoladas, ou seja,

perceber um grupo social apenas por um olhar teórico para a sua sociedade, é sacrificar por completo qualquer razão para sua futura interpretação.

A sociedade começa a ser pensando como fruto de “um processo”, ou seja, as ações possuem consequências que se desdobram além do espaço e do tempo de análise do pesquisador. Nesse aspecto, o “*Ensaio sobre a dádiva*” em um dos seus principais questionamento, o qual “*Que força existe na coisa dada que faz com que o donatário a retribua?*” (Mauss, 2004, p. 188), parece se amparar nessa continuidade social, ou seja, o “processo” sem fim de ações e “trocas”, para a permanência e existência do grupo e de suas necessidades.

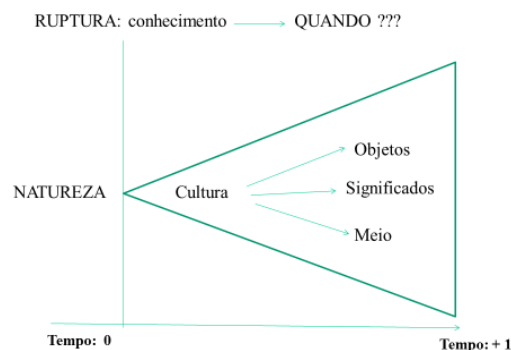
Na expressão contemporânea, esse “*continuum*”, em virtude das novas realidades de constituição, são substituídos por novas expressões de continuidade. Cada bloco de ações anteriores que constituída a edificação do “*continuum*” social pode ser substituído por elementos externos ao processo original. Por exemplo, uma troca de presentes; que Martins (2005, p.55), chama de “hospitalidade”; representa uma expressão da qual a obrigatoriedade da “dádiva” é sufocada pelo valor simbólico atribuído. No mundo contemporâneo, no qual tudo é mensurável, Estado e mercado assumem funções e, tornam-se, o “tijolo” externo a construção primal do amálgama social original.

Lília Junqueira (2005), ao analisar o livro, “O sistema de objetos”, escrito por Baudrillard no ano de 1968, recorda que a relação entre os homens e objetos na sociedade contemporânea pode ser percebido por duas características distintas. A primeira refere-se ao padrão técnico, ou seja, a própria constituição do objeto e a segunda encontra-se na significação dada a esse mesmo objeto a partir daquilo que é proposto pelo sistema social. Baudrillard, reconhece que esse objeto é adaptado a “uma ordem e a um sistema” (apud Junqueira, 2005, p.148). Se a “hospitalidade” pode ser vista como um “presente” (Martins, 2005), a “coisa dada” passa a significar a ruptura original do sistema analisado e proposto por Mauss. O presente em si, passa a representar a sociedade que o constituiu.

No contexto original, do “*Ensaio sobre a Dádiva*”, o objeto representa o fortalecimento do vínculo entre pares, e garantia a continuidade das relações sociais do grupo. No mundo contemporâneo o objeto é representado pelo seu “valor de uso”, muito mais que seu aspecto de fetichização, proposto por Marx, ainda quando esse mesmo objeto era visto apenas pelo seu “padrão técnico” (Junqueira, 2005).

Da natureza do objeto

Figura 1: Cultura e Representação.



Fonte: Autor, 2015.

Na exposição do gráfico apresentado, nota-se que não é possível de se identificar a “ruptura” do padrão original homem-natureza. Sabe-se que ela aconteceu. Tal fato associa-se a formação da cultura e a sua materialização, ocorrida pela “construção” do objeto, sua simbologia e a sua relação com o meio, associado ao grupo que pertence.

O objeto e sua função de uso adquire singularidades nas quais torna-se possível percebê-lo na sua totalidade como constituidor da memória de uma comunidade, aspectos já abordados por Leroi-Gourhan (1983), ou ainda pela atribuição de um valor, seja para ele, ou mesmo para seu uso. Appadurai (2008, p.15), argumenta que: “[...] o valor jamais é uma propriedade inerente aos objetos, mas um julgamento que os sujeitos fazem sobre eles”. Esse “julgamento” representa a materialização cotidiana das ações humanas. Essa “materialização” acontece de forma tão espontânea, que passa a constituir a memória formativa do grupo ao qual ele pertence, e só pode ser recuperada nas análises das dimensões relacionadas a constituição do próprio tecido social desse mesmo grupo.

Hospitalidade: possibilidades interpretativas

Ao observa-se a caracterização dada ao objeto no mundo contemporâneo e a sua substituição de funções de uso, torna-se possível compreender que aspectos pertencentes a percepção da hospitalidade na atualidade, partem da identificação formativa do “eu” no “outro”. Nessa relação, o que acontece depois pode ser pensado como dimensões de um processo, passíveis de serem utilizadas para a o entendimento do mundo cotidiano. Nesse aspecto, é possível usar-se da compreensão que a história, vista e pensada aqui com “um processo”, como uma metodologia de análise propícia a compreensão da hospitalidade como modelo atual de absorção desse mundo contemporâneo.

Ao observa-se a fala de autores como Braudel (1978), ou mesmo Le Goff e Pierre Nora (1976), o mundo cotidiano representa um desdobramento de um passado que ainda não se findou por completo. Há, nesse momento, uma herança formativa do acontecimento que se

sedimenta em um amalgama de fatos que constroem um novo cotidiano. A forma como Mauss observa a permanência dessa situação em seu “Ensaio sobre a Dádiva” encontra-se em demonstrar que apesar da ação proposta pelo ensaio estar sendo descrita em sociedades pouco tecnológicas, ou seja, não afetadas pelos modelos padronizados e tecnológicos da atualidade, a maneira como a hospitalidade é encontrada, pode ser caracterizada e ampliada em múltiplas dimensões desse processo original de criação do tecido social.

Nota-se, assim, que ao nomear-se a hospitalidade como “comercial”, “pública” ou “privada”, limitam-se as necessárias e possíveis interpretações: a hospitalidade não é “uma coisa” mensurável ou tangível. Representa certas ações nas quais um determinado ponto de vista pode ser objeto de análise e assim minuciosamente decomposto para se encontrar as dimensões passíveis de interpretação. Godelier (2001, p.23) recorda que a “[...] cultura ocidental valoriza os dons não solicitados”, ou seja, aqueles que em um certo momento, ao contrário do momento inicial da percepção da dádiva, passam a serem mensuráveis e, assim, mais representativos que outros.

Camargo (2004), fala em categorias: “entreter, acolher, alimentar e hospedar”. Nesse sentido, a visualização desses modelos na sociedade ocidental contemporânea, traduz valores mensuráveis e passíveis de tangibilidade ao se buscar, na hospitalidade, mecanismos de perpetuação do capital. Aqui o objeto e sua caracterização, passa a representar um determinado “valor”, conforme discutido anteriormente. Tal fato é explorado pela corrente de pensamento da hospitalidade, da qual Conrad Lashley, tornou-se o pensador mais conhecido. Lashley, ao propor em sua análise, que a intersecção das esferas do privado, comercial e social, é identificada como uma “zona de administração da experiência relativa à hospitalidade”. (Lashley, 2004, p. 06), consegue criar a percepção do algo tangível e rotulável, fundamental para as esferas dos negócios contemporâneos. O próprio subtítulo de sua obra em tradução no Brasil, “perspectivas para um mundo globalizado”, já traz a razão de seus encaminhamentos teóricos. Os objetos e seus valores encontra-se na representação dessa análise, embora tenham sido concebidos nas zonas externas a sugerida pela análise de Lashley.

Esse mundo globalizado não é o mesmo com o qual conviveu Mauss, que apenas o conseguiu percebê-lo, em seu início, embora, após isso, seu “Ensaio sobre a Dádiva”, passa ser observado em situações diversas de seu entendimento inicial.

Como na historiografia, o conceito de “realidade cultural” é o fio condutor para compreender as ações do momento histórico analisado. Em um mundo ocidental contemporâneo no qual as relações humanas são em grande parte motivadas pelas necessidades do Estado e do Comércio, a hospitalidade não poderia ser um produto externo e contraditório dessas mesmas relações, ou contrário, ele passa a existir, observada em múltiplas dimensões nos novos espaços socioculturais que se formaram. Ela é também amalgama dessas relações que são percebidas, na atualidade, em dimensões comerciais, políticas, sociais, virtuais, etc.

Le Goff e Nora (1976) chamam esse contexto sociocultural, pela análise histórica, de “sentido de permanência” na qual a continuidade do processo pode; e em muitos casos isso é perceptível; se desdobrar para algo totalmente diferente daquilo que o motivou. Sua essência formativa permanece igual, mas seu caráter original, não é um elemento identificável em um primeiro olhar. Mauss já havia visto isso, e seu “Ensaio” além de resgatar aquele momento inicial de quando o homem se identificou com o conceito de cultura, chamado por ele de “sociedades arcaicas”, propõe segundo a interpretação de Martins (2005, p. 47), ver que o “[...] simbolismo é fundamental para a vida social”.

Esse simbolismo é encontrado, também, nas ações interpretativas de Le Goff e Nora (1976), para os quais a história não é apenas um documento datado. Ela se desdobra além dos objetos tecnicamente construídos e padronizados, nas funções sociais que lhes são atribuídos. Seu “custo” é alicerçado pelo contexto de sua “aceitação” pelo mercado, mas essa “aceitação” só pode ser visualizada, se seu simbolismo é elemento constituidor da sociedade que o produziu. Assim a dimensão da hospitalidade encontra-se em perceber em quanto esse mesmo objeto reflete relações de poder e de como essas mesmas relações se perpetuam com a sua constante massificação de mercado.

Outros aspectos da compreensão contemporânea das dimensões da hospitalidade, encontram-se na noção de valor atribuído ao espaço de vivência cotidiana. Em um ambiente urbano, por exemplo, as relações são constituídas desse simbolismo e assim o espaço, monetariamente constituído, torna-se o melhor território para expressões associativas nas quais o consumo massificado garante a continuidade social, não só desejada, como também, controlada. A permanência de um fluxo de consumo constante, só pode ser observado, não só nas fabulosas estratégias gerenciais, mas principalmente na capacidade dos poderes constituídos, garantirem o acesso a aquilo que é massificado e padronizado. Qual estratégia gerencial nunca pensou em levar ao menos um de seus produtos, para cada um dos cidadãos desse mesmo mundo globalizado? Essa noção de criação do “produto essencial para a vida” é a transformação de identificação inicial do “eu” no “outro”, ou o sentido primordial da existência coletiva dos homens - que se pode aqui, também ser interpretado de momento inicial da percepção da hospitalidade - em dimensões passíveis de mensuração, classificação, mercantilização, controle e, assim, continuidade do tecido social.

Mauss como sujeito histórico é percebido como um crítico, na ruptura de um modelo anterior subordinado apenas as noções do Estado e do Comércio, ao propor que algo que formatou, a identidade inicial de um grupo, permanece vivo na esfera constituidora do cotidiano dessa mesma sociedade.

Considerações Finais

Nesse artigo a proposta de compreender Mauss como sujeito histórico, tendo como base a documentação produzida sobre ele, revela-se possível ao buscar compreender as ideias de seu “Ensaio sobre a Dádiva” no contexto do processo de seu momento como etnólogo e antropólogo. Ao buscar transpor suas ideias para o tempo contemporâneo,

torna-se necessário perceber e analisar essas mesmas ideias com a correta separação dos tempos históricos existentes.

O momento de seu raciocínio não é o mesmo desse atual, no qual sua teoria aplica-se em permitir perceber a Hospitalidade como um mecanismo de compreensão do mundo contemporâneo. O raciocínio das “sociedades arcaicas” está transmutado em ações e movimentos que possuem dimensões propícias a sua interpretação, pela ótica da hospitalidade. A técnica, antes elemento de distinção, por exemplo, da falsa noção do suposto grau de evolução da cultura dos grupos humanos; leia-se explicação para justificar a dominação de outros grupos; hoje é elemento de mensuração e caracterização, voltada para um apelo econômico e de consumo, com os grupos envolvidos em sua interpretação.

A atualidade do “Ensaio sobre a Dádiva” encontra-se em compreendê-lo como proposta interpretativa da ideia de formação da ideia de cultura nos grupos humanos. Ao observar-se essa ação, minimiza-se o risco de interpretá-lo em uma visão diacrônica da história, ou seja, um sucessivo desencadear de acontecimentos sem aparente ligação entre eles. A Hospitalidade, como resultado principal da interpretação proposta por Mauss, apresenta-se no simbolismo das ações e nas representações das coisas, aquela mesma “*coisa dada*” que deve ser retribuída.

Bibliografia

APPADURAI, Arjun.(2008). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói-RJ : Editora UFRJ.

BECKER, Howard. (1996). *A escola de Chicago*. Mana, Rio de Janeiro , v. 2, n. 2, p. 177-188, Outubro.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo : Aleph

CASTRO, Celso (org.). (2005). *Evolucionismo Cultural*. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro : Zahar.

BRAUDEL, Fernand. (1978). *Escritos sobre a História*. São Paulo : Perspectiva.

FOURNIER, Marcel.(2005). *Marcel Mauss. A biography*. Princeton; New Jersey.

GROSSI, Mirian; RIAL, Carmen. (2002). *Mauss segundo suas alunas; 46'*. (Documentário, Florianópolis_SC)

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4_bsGMv1Ns8 <acesso 09/08/2014>

GODBOUT, Jacques T. (1999). *O espírito da Dádiva*. Rio de Janeiro : FGV.

GODELIER, Maurice. (2001). *O enigma do dom*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira.

GOTMAN, Anne. (2011). Marcel Mauss: uma estação sagrada da vida social. In: MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo : SENAC.

JUNQUEIRA, Lília. (2005). A Noção de representação social na sociologia contemporânea. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, 18/19.

LANNA, Marcos. (2000). Notas sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a Dádiva. *Revista Sociologia e Política*. Universidade Federal do Paraná : Curitiba, 14: p. 173-194, junho.

LASHLEY, C. MORRISON, A. (Orgs.). (2004). Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri, SP: Manole.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (1976). *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro : Francisco Alves.

_____. *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro : Francisco Alves.

_____. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro : Francisco Alves.

LEROI-GOURHAN, Andre. (1983) *O Gesto e a Palavra: Técnica e Linguagem*. v. 1. Lisboa: Edições 70, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. (2004). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo : Cosac e Nayfi.

MARTINS, Paulo Henrique. (2005). *A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação*. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 73, Dezembro. 45-66.

MAUSS, Marcel. (2004). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo : Cosac e Nayfi.

MONTANDON, Alain. Uma apologia da Humanidade: Christian Hirschfeld. In. MONTANDON, Alain. (Dir.). (2011). *O livro da Hospitalidade*. Acolhida do Estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo : Senac

RODRIGUES, J. A. (org). (1978). *Emile Durkheim*. São Paulo : Ática.

STOCKING Jr, George W. (org.) (2004). *Franz Boas*. A formação da antropologia americana (1883-1911). Rio de Janeiro : Contraponto/Editora UFRJ.